

GRUPO I

1. Lê atentamente a seguinte crónica.

Dentro dos meus olhos

A minha mãe aparecia e desaparecia. A casa era um labirinto de sombras. O quintal suportava o tempo nos ramos dos pessegueiros. As ruas da vila aproveitavam o descanso. Era um serão do início de Setembro, um silêncio morno, a ideia de um lago. Era a véspera de eu fazer doze anos, estava sentado no último degrau da porta do quintal. As fitas caíam-me pelos ombros, cabelos compridos de plástico colorido, tocavam-me nas costas. Eu estava em tronco nu, ombros finos. Se me encostasse, entrava no mundo da casa: a minha mãe a fazer tarefas secretas, a mover-se entre as coisas, debaixo de luzes apagadas; a casa fresca e escura, ângulos negros desenhados no lugar onde sabíamos estarem os móveis. Se me inclinasse: o quintal. Depois dos muros, as ruas da vila. O quintal não suportava mesmo o tempo nos ramos dos pessegueiros, mas parecia. A noite tinha muitas estrelas. Hoje, não me recordo do que tinha feito nesse dia. Os meus amigos tinham nomes. Nesse tempo, eu e os meus amigos passávamos tardes inteiras juntos. É muito provável que os tenha encontrado nesse dia. Se conversámos, falámos de agosto que ainda trazia na cor da pele, ou falámos da escola, que voltava a ser possível. Embora me faltem por menores, aquilo que sei é que, pela memória, sou capaz de regressar àquele serão, 1986, em que estava sentado

no último degrau da porta do quintal. O meu pai tinha adormecido havia muito tempo, o seu sono existia dentro de um dos quartos da casa.

Hoje eu sei quanta serenidade é necessária para que um pai adormeça antes do seu filho. Aqui, onde estou, sei isso. São paredes à minha volta, a seguir está Fevereiro, o frio. Para além do som das teclas do computador, o ponteiro dos segundos de dois relógios, alternados, um aqui e o outro ali. Depois das paredes, às vezes, um autocarro, ou silêncio. Este lugar, este tempo, sob o ponto de vista de quem está rodeado de palavras, a escrever, como é o caso, pode ser comparado a estar sentado no último degrau da porta do quintal, na véspera de fazer doze anos. Como nesse dia, se me encostar ou se me inclinar, entro em mundos diferentes. Em 1986, eu estava numa situação que pode ser comparada a estar aqui, agora, (...) e isso é extraordinário, conforme se verá.

Uma razão forte para essa admiração é que, aqui, nesta penumbra, paredes, ouço agora uma ambulância, dois relógios, posso imaginar todo o futuro. Essa é uma possibilidade incontestável. Não sei distinguir o possível do impossível, mas sou capaz de imaginá-los a ambos. E talvez a verdade esteja espihada ou escondida em alguma parte desse infinito. Se isso não é extraordinário, desisto. Impressionante também é o facto de que quase tudo o que aqui

75 disse sobre mim, pode igualmente ser dito sobre ti. Para este efeito, os meus olhos são teus. Também tu estás num hoje em que podes recordar e em que podes imaginar. Sim, tu. Se não conheces a véspera de fazeres doze anos, com a sombra da tua mãe, etc., é porque conheces outra ocasião que apenas tu saberás e que poderás lembrar hoje ou, mais tarde, num dia em que estejas assim, entre memórias e possibilidades. O tempo não passa depressa, mas passa. O quintal nunca suportou o seu peso nos ramos dos pessegueiros. Apenas parecia muito nitidamente que era assim. Às vezes, ainda parece. Existe a precisão geométrica e os registos; no entanto, depois do amor, provou-se que nada tem de ficar como está ou de ser como é.

95 Hoje, tenho estas paredes à minha volta e a suspeita de que, entre o que sei está já tanto daquilo que serei. O que

ainda não está aqui, iniciou já o seu caminho, dirige-se ao ponto onde me encontra. É assim contigo também. É necessária paz para aceitar esta certeza simples, é necessária uma mistura de ponderação e entusiasmo para sermos capazes de desenhá-la pelos nossos contornos, tanto quanto possível, claro. Isto que parece banal são os desafios que a vida nos coloca. Aqui, neste momento, somos uma espécie de monstro num jogo de computador, carregamos o passado e o futuro, temos uma forma assustadora. E, no entanto, para lá da abstracção, este é um lugar normal, aquecido, e, hoje, aqui onde estou, encostado e inclinado, é dia 6 de Fevereiro 110 de 2009, escrevo agora este texto e, às nove horas da noite, passam doze anos sobre o instante em que o meu filho mais velho nasceu.

PEIXOTO, José Luís, "Dentro dos meus olhos", in *Visão*, n.º 832, 12 de Fevereiro de 2009 (texto com supressões)

2. A crónica refere dois momentos temporais.

2.1. Explica a situação em que o cronista se encontrava naquele serão de 1986.

2.2. Descreve, agora, a situação do cronista na noite de 6 de Fevereiro de 2009.

2.3. Transcreve a frase que comprova que há semelhanças entre o serão de 1986 e a noite de Fevereiro de 2009.

3. Retira do texto palavras ou expressões que remetem:

- para o tempo passado;
- para o tempo presente.

4. Na redacção desta crónica, a memória ocupa um papel determinante.

4.1. Justifica a afirmação.

5. Explica por palavras tuas a seguinte frase, tendo em conta o conteúdo global do texto: "Impressionante também é o facto de que quase tudo o que aqui disse sobre mim, pode igualmente ser dito sobre ti." (ll. 73-76).

6. Explica o título do texto.

7. Enuncia duas características deste texto que comprovam o facto de se tratar de uma crónica.

8. Classifica as afirmações seguintes como verdadeiras (V) ou falsas (F).

	V	F
a. A crónica, a entrevista, os artigos de divulgação científica e técnica e de apreciação crítica e os requerimentos são textos dos <i>media</i> .		
b. A crónica é uma tipologia textual divulgada na comunicação social e que apresenta os acontecimentos de uma forma tendencialmente objectiva.		
c. A palavra <i>crónica</i> deriva do grego <i>chronos</i> , que significa tempo.		
d. Ao longo da História, a concepção de crónica foi sofrendo alterações.		
e. O assunto tratado neste tipo de texto é filtrado pela visão do cronista.		
f. As características técnico-compositivas e linguísticas da crónica não têm qualquer relação com a manifestação da expressividade do autor.		
g. Apesar da dimensão narrativa da crónica, o lirismo também marca presença nesta tipologia textual.		
h. A crónica de imprensa tem por base factos retirados do quotidiano.		

8.1. Corrige as afirmações falsas.

GRUPO II

1. Observa as seguintes frases: “*Hoje eu sei quanta serenidade* é necessária para que *um* pai adormeça antes do seu filho. Aqui, onde estou, sei *isso*. São *paredes* à *minha* volta, a seguir está Fevereiro, o frio.” (ll. 42-46).

- 1.1. Identifica a classe a que pertencem as palavras sublinhadas.**
- 1.2. Reescreve as frases, na folha do teu teste, iniciando-as pela expressão “O autor desta crónica disse que...” e efectuando as alterações necessárias.**

2. Para cada um dos itens que se seguem, assinala a opção correcta:

- 2.1. A expressão “*Dentro dos meus olhos*” (título da crónica), no contexto em que ocorre, possui um sentido**
 - a) denotativo**
 - b) conotativo**

3. Em “*a casa fresca e escura...*” (ll. 18-19), as palavras sublinhadas são
- a.) adjetivos relacionais
 - b.) adjetivos numerais
 - c.) adjetivos qualificativos
4. Na frase “*O quintal não suportava mesmo o tempo nos ramos dos pessegueiros...*” (ll. 22-24), a expressão sublinhada desempenha a função sintáctica de
- a.) complemento directo
 - b.) complemento indirecto
 - c.) complemento agente da passiva

GRUPO III

Respeitando as características desta tipologia textual, redige agora uma **crónica** em que relates **dois acontecimentos** diferentes/marcantes na tua vida.

Para isso, elabora um plano na tua folha de rascunho, e não te esqueças que não deves ultrapassar as **200 palavras**.



FELIZ NATAL!

Um bom trabalho,
A professora Graça Coelho

Sugestão de Correcção do Teste Escrito de Português do 10º ano * Dez. 2010

Grupo I

- 2.1. Naquele serão, o cronista encontrava-se na “véspera de fazer doze anos”. “... Estava sentado no último degrau da porta do quintal” a contemplar o que se passava à sua volta (os movimentos da mãe, as sombras da casa, os ramos dos pesseiros, o sossego das ruas...).
- 2.2. Nesta noite, o cronista está num espaço fechado. Encontra-se a escrever e vai ouvindo os barulhos que surgem da rua.
- 2.3. “Em 1986, eu estava num situação que pode ser comparada a estar aqui, agora...” (l. 59-61).
3. a. “Nesse tempo” (l. 28), “Nesse dia” (l. 26-27, 31, 57).
b. “Hoje” (l. 25, 42, 83, 95, 113), “Agora” (l. 61, 65, 115), “neste momento” (l. 107-108).
- 4.1. A memória ocupa um papel determinante, porque o cronista se encontra a escrever num momento posterior aos factos que viveu e que agora relata (vai, portanto, recuperar esses factos através da memória).
5. Com esta frase, demonstra-se que a memória, a recordação e a imaginação são apanágio de todo o ser humano. Todos nos situamos num presente que oculta um passado a que temos acesso através da memória.
6. O texto intitula-se “Dentro dos meus olhos”, porque o autor apresenta dois momentos específicos por ele vivenciados filtrados pela sua subjectividade. No momento presente, adopta uma atitude retrospectiva e deixa-se conduzir pela memória, ao fazer uma viagem “por dentro dos seus olhos”, isto é, através de um mundo a que só ele tem acesso a partir da imaginação, da memória e da sua percepção peculiar do mundo e da vida. O autor regressa à infância, olhando “por dentro dos seus olhos”.
7. O autor utiliza um discurso marcado pela subjectividade (“... aquilo que sei...”, l. 35, “...e isso é extraordinário...”, l. 61 “...sou capaz de imaginá-los a ambos”, ll. 69-70) e baseia-se em factos retirados do quotidiano (da sua infância, em que está sentado no degrau da porta do quintal, e do seu momento presente, em que se encontra a escrever num espaço fechado).
8. a. F; b. F; c. V; d. V; e. V; f. F; g. V; h. V.
- 8.1. a. Os requerimentos são textos do domínio transaccional.
b. A crónica apresenta os acontecimentos de uma forma pessoal e subjectiva.
f. As características técnico-compositivas e linguísticas da crónica decorrem da manifestação da expressividade do autor.

Grupo II

sei – Verbo (presente do indicativo, primeira pessoa do singular); *serenidade* – Nome (comum não contável); *um* – Determinante artigo indefinido; *isso* – Pronome demonstrativo; *paredes* – Nome (comum contável); *minha* – Determinante possessivo.

O autor da crónica disse que [naquele dia] sabia quanta serenidade era necessária para que um pai adormecesse antes do seu filho. Ali, onde estava, sabia isso. Eram paredes à sua volta, a seguir estava Fevereiro, o frio.

- 2.1. b.) conotativo
3. c.) adjetivos qualificativos
4. a.) complemento directo

Grupo III

Resposta pessoal.